UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Departamento de Antropologia

Teorias Antropológicas da Natureza e da Cultura

GAP 00215 L1 - segundas e quartas-feiras das 16h às 18h

Prof. Gláucia Silva

O objetivo do curso é abordar questões relativas à díade natureza/cultura iniciando pela reflexão acerca do que vem a ser selvagem, natural. Segue questionando a incorporação da dimensão ambiental instada pelos acontecimentos atuais pela disciplina antropológica que também retoma, mas em bases totalmente novas, a discussão que presidiu sua constituição enquanto disciplina acerca dos limites entre natureza e cultura, do relativismo cultural e do antropocentrismo. E, finalmente, debate como dimensões naturais foram associadas ao simbolismo na antropologia.

O que é selvagem?

DIEGUES, Antonio Carlos. *O Mito moderno da natureza intocada*. S. Paulo: HUCITEC, 2001.

PRADO, Rosane Manhães. 2012. “Viagem pelo conceito de populações tradicionais com aspas” 173-189 *in* STEIL, Carlos e CARVALHO, Isabel (org) *Cultura, percepção e ambiente. Diálogos com Tim Ingold*. S. Paulo: Ed Terceiro Nome.

PRADO, Rosane e CATÃO, Helena. 2010. “Fronteiras do manejo: embates entre concepções num universo de conservação. ” *Ambiente & Sociedade* Campinas v. XIII, n. 1 p. 83-93 jan.-jun.

Antropologia e meio ambiente: os limites do crescimento

Larrère, C e Larrère R, 2000 [1997]. *Do bom uso da natureza. Para uma filosofia do meio ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget.

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de.2004. Direitos à Floresta e Ambientalismo: os seringueiros e suas lutas. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 19, n. 55, p. 35-52.

Léna, P. e Nascimento, E. (orgs) 2012. *Enfrentando os limites do crescimento. Sustentabilidade, decrescimento e prosperidade*. Rio, Garamond Universitária e IRD. (páginas: 23-44; 45-54; 147-156; 171-184)

Silva, G. 2001. “Risco tecnológico e tradição: notas para uma antropologia do sofrimento” Antropolítica Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política. n. 7 2o sem. 1999 ISSN 1414-7378 Niterói: EDUFF. pp 57-73

Os limites do relativismo e do antropocentrismo

Latour, Bruno. 2001. A Esperança de Pandora. Ensaio sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru, SP; EDUSC.

Süssekind, Felipe. 2014. *O rastro da onça. Relações entre humanos e animais no Pantanal*. Rio, 7 Letras.

Carvalho, Isabel e Steil, Carlos. 2013. “Percepção e ambiente: aportes para uma epistemologia ecológica” Revista Eletrônica do

Mestrado em Educação Ambiental ISSN 1517-1256 volume especial março

Steil, Carlos e Carvalho, Isabel. 2014 Epistemologias Ecológicas: delimitando um conceito. MANA

INGOLD, Tim. 2006. “Sobre a distinção entre evolução e história” Antropolítica n 20

Silva, Gláucia. 2012. Os antropólogos devem sim falar de biologia. *in* STEIL, Carlos e CARVALHO, Isabel (org) *Cultura, percepção e ambiente. Diálogos com Tim Ingold*. S. Paulo: Ed Terceiro Nome.

INGOLD, Tim. 2012. “Trazendo as Coisas de Volta à Vida: Emaranhados Criativos num Mundo de Materiais”. *Horizontes Antropológicos* 18 (37): 25‐44.

INGOLD, Tim. 2010. “Da Transmissão de Representações à Educação da Atenção”. *Educação*: 33 (1): 6‐25.

Natureza e simbolismo

LEACH, Edmund. 1983 “Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal” e “Cabelo Mágico” In DA MATTA (org) *LEACH*. São Paulo: Ática.

DURKHEIM e MAUSS. 1984. “Algumas formas primitivas de classificação. ” In Rodrigues (coord.) ***Durkheim***. Coleção Grandes Cientistas Sociais n.1. S. Paulo: Ed Ática.